

**AS CONSOANTES GEMINADAS:
UM ESTUDO COM BASE NO ALMANACK CORUMBAENSE**

Rubens César Ferreira Pereira (UEMS)

rubens.rcesar@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo busca mostrar brevemente, por meio de uma análise documental/bibliográfica embasada na historiografia linguística do português, o porquê do uso das consoantes dobradas no *Almanack Corumbaense* (1898). Será explicado também porque seu uso foi extinto no português contemporâneo. Como se sabe, todas as línguas sofrem mudanças ao longo de seu curso, e a língua portuguesa não foge à regra, vem passando por mudanças desde seu início a partir do latim vulgar. Os primeiros textos escritos em português datam do século XIII, época em que o português não era diferente do galego falado na província da Galícia, atual Espanha. A língua portuguesa instalou-se no Brasil durante o século XVI e desde então vem sofrendo diversas mudanças. A língua falada no Brasil difere bastante da usada em Portugal. O Brasil, por suas dimensões continentais tornou-se uma espécie de incubadora linguística na qual a combinação de culturas e tradições dos colonizadores e dos imigrantes se fundiu e deu origem a um novo idioma. O português falado aqui se tornou muito mais do que um dialeto derivado da língua falada pelos nossos patrícios portugueses. Escolheu-se aqui um recorte, de um dos vários aspectos que podem ser estudados ao se considerar o imenso *corpus* deixado pelos gramáticos da língua portuguesa através dos séculos.

Palavras-chave: Consoantes geminadas. Ortografia. *Almanack Corumbaense*.

1. Introdução

A língua portuguesa estabeleceu-se no Brasil durante o século XVI, desde então vem sofrendo diversas mudanças, seja por influências geográficas, ou ainda por influências culturais e sociais ocasionadas pelos colonizadores, imigrantes e por fim, pelo contato com a língua espanhola falada pelos países que circundam o Brasil. A verdade é que a língua falada no Brasil difere bastante da falada em Portugal, o Brasil, por suas dimensões continentais tornou-se um lugar onde a mistura de culturas e tradições se fundiram e deram origem a um novo idioma, o português falado aqui se tornou muito mais do que um dialeto do português falado pelos portugueses. Segundo Paul Teyssier (2001, p. 98)

Há, hoje, na língua do Brasil, uma certa diversidade geográfica. Os linguistas vem tentando elaborar o mapa dos “dialeto” brasileiros, à semelhança

do que se tem feito para as línguas europeias. Distinguem um Norte e um Sul, cuja fronteira se identificaria, grosso modo, com uma língua que, partindo da costa, seguisse da foz do rio Mucuri (extremo sul do estado da Bahia) até a cidade de Mato Grosso, no Estado do mesmo nome, próximo à fronteira boliviana. A realidade, porém, é que as divisões “dialetais” no Brasil são menos geográficas que socioculturais.

As transformações sociais têm como fundamentação o contexto histórico e ainda sofrem influências que vão além desses aspectos, por isso, as mudanças ocorridas estão correlacionadas com as mudanças que ocorrem com a língua. Para que seja possível conciliar o estudo das perspectivas teóricas, históricas e socioculturais é preciso que haja um procedimento pluridisciplinar.

Para agregar valores durante o processo de análise e interpretação de determinados documentos a historiografia linguística se faz instrumento de releitura no âmbito da linguística, mas sem se ater somente a ela, pois permite que haja espaço para discussão e reflexão, uma vez que faz uma análise sistematizada dos processos sofridos na língua em épocas passadas, tendo a língua escrita como referência.

A escrita tem como característica a conservação mais duradoura da estrutura gramatical, ao passo que o texto oral, é evanescente e sofre mudanças mais rápidas quando se tem o tempo como ponto de partida. Para dar conta dos fatos que contribuem e contribuíram com as transformações linguísticas que vem ocorrendo, surge a teoria da historiografia linguística que busca sentido nos dados históricos por meio da relação com outras áreas do saber. A corrente historiográfica emerge da necessidade de possibilitar que outros aspectos históricos sejam vistos por outro prisma. O objeto de estudo da historiografia linguística são os registros escritos que documentam a evolução da língua ao longo do tempo, ou ainda trata do estudo de um determinado recorte da história.

Koerner (1996, p. 60) propõe critérios para “o problema dos abusos na linguagem técnica” cometidos pelo historiógrafo da linguística, sugerindo três princípios que vão além dos limites da metalinguagem, tendo uma aplicação mais adequada na historiografia linguística, são eles o “princípio de contextualização”, levando-se em conta que os aspectos socioeconômicos, políticos e “as ideias linguísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais no período”.

O “princípio de imanência” Koerner (1996, p. 60) que “consiste no esforço de estabelecer um entendimento completo, tanto histórico quanto crítico, possivelmente mesmo filosófico, do texto linguístico em

questão”. Nesse caso, o historiógrafo precisaria se afastar de suas concepções modernas e as nomenclaturas que dizem respeito as teorias modernas.

Na terceira fase, que o autor chama de “princípio de adequação”, ocorre quando os dois primeiros princípios foram seguidos, e no qual o historiógrafo se assegura que o seu procedimento fique explícito e o vocabulário técnico e teoria permitam que o trabalho seja mais bem apreciado.

Assim, no intento de buscar os fatos linguísticos do passado, a historiografia linguística extrapola os domínios da ciência histórica. O presente artigo procura dar uma ideia de como o quadro histórico evoluiu com o passar dos anos, busca discutir, de forma breve, as circunstâncias que envolveram o uso e a extinção das consoantes geminadas, sob a égide da historiografia linguística, tendo como ponto de partida o *Almanack Corumbaense*.

Objetiva-se com este trabalho estudar o léxico presente no *corpus* do *Almanack Corumbaense*, com foco nos arcaísmos que apresentam a geminação das consoantes, visando entender parte do processo de arcaização que incide nas palavras em nossa língua. Para que se possa conhecer um pouco sobre a história da língua utilizada no Brasil será necessário conhecer alguns desses arcaísmos.

Segundo Coutinho (1976, p. 210), os “arcaísmos são palavras, formas ou expressões antigas, que deixaram de ser usadas.” Podem ser classificados em *léxicos*, *semânticos*, *sintáticos* e *morfológicos*. Os léxicos se subdividem em intrínsecos e extrínsecos, que “só são arcaísmos sob determinado aspecto.” Podem ser gráficos: *aver*, *omem*, *onrra* etc., fonéticos: *dino*, *malino*, *assi* etc., ou flexionais, que variam em gênero: *planeta (f.)*, *linhagem(m.)*, número: *alférezes* e pessoa: *amades*, *devedes* etc.” (COUTINHO, 1976, p. 212, 213). Desta forma, as classificações dos arcaísmos são previstas e estudadas para que um maior entendimento das formas arcaicas seja possível.

No entanto, por questão de delimitação, o objeto de estudo aqui serão os termos que eram registrados com o “l” dobrado, tais palavras podem ser classificadas como arcaísmos intrínsecos gráficos. É de suma importância que depois da classificação do objeto de estudo se possa entender, de forma breve, os períodos que Coutinho (1976) utiliza em sua obra, por meio da observação do momento histórico da língua no qual aquelas palavras eram grafadas com “l” geminado.

2. O contexto histórico do Almanack Corumbaense

Corumbá, antes conhecida como “Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque – primeira denominação do vilarejo” destacava-se no século XIX como importante centro comercial do então estado de “Matto Grosso”, sendo considerada privilegiada por sua posição geográfica, somando-se às vantagens de ter um porto fluvial estratégico que possibilitava o comércio. Porém, por volta do século XX a ferrovia foi construída e Campo Grande passou a ser o principal centro político e econômico do estado de Mato Grosso.

3. O Corpus

O *Almanack Corumbaense* foi ofertado “À terra mattogrossense, em particular, e à Comunhão Brasileira, em geral” para o ano de 1899 e representa uma “Fonte de informações minuciosas e uteis, elemento de propaganda das riquezas naturaes do Estado e com especialidade daquillo que diz respeito à vida commercial e industrial desta cidade”.

O *corpus* analisado neste artigo é o da seção “Vultos Mattogrossenses”. A seção é composta por personagens considerados importantes na época, não apenas para a cidade de Corumbá, mas também para o Brasil, no final do século XIX. O exemplar estudado aqui data de 1898. O documento reflete o contexto sociocultural, as ideias linguísticas em circulação e mesmo a situação socioeconômica e política do momento em que foi produzido (cf. KOERNER, 1996).

Em um primeiro momento será realizada, sucintamente, uma investigação teórica, por meio de pesquisas de estudiosos que definem e classificam a ocorrência de arcaísmos presentes no *Almanack Corumbaense* e também no período da língua portuguesa no qual acontecem. Uma vez terminados os estudos teóricos, serão escolhidos alguns vocábulos grafados com a consoante “l” dobrada seguidos de uma explicação teórica de acordo com as gramáticas da época.

4. Consoantes dobradas ou geminadas

As consoantes duplas do latim foram se perdendo quando evoluíram para o português. Os documentos medievais galegos e portugueses apresentavam consoantes dobradas por influência da tradição da grafia

latina. Um pouco mais de vinte anos da publicação do *Almanack*, Said Ali (1921, p. 32), escreveu a respeito da necessidade de se simplificar a língua.

Fosse este o móvel ou outro qualquer, o certo é que deu por terra com tal systema orthographico a reacção do port. mod., firmando cada vez mais a doutrina de subordinar a representação das palavras do nosso idioma ao que estava estabelecido na língua de Cicero e Vergilio. E aonde não podiam chegar os conhecimentos etymologicos, supria-se, em matéria de geminação, com a fantasia e o capricho, preferindo muitas vezes o supérfluo ao estritamente bastante, como *chinello, panella, janella* etc.

A partir do que é observado na citação anterior, percebe-se que a língua portuguesa apresentava casos nos quais, segundo Said Ali (1921), não havia necessidade de se usar o recurso das consoantes geminadas, elas eram usadas por “capricho”.

Ainda, segundo Said Ali (1921, p. 32) para se ter uma ideia do período no qual havia o uso de vocábulos sem critérios

Obscuro é o motivo da geminação *ll* em *apostollo, epistolla, Paulo, capitullo, tall, mall, quall, geerall* etc. de que ha exemplos de sobra no livro da Virtuosa Bemfeitoria, no Leal Conselheiro e em Fernão Lopes, Chronica de D. João. As obras latinas que constituíam a principal leitura desses tempos, e donde se tiravam alguns dos referidos vocabulos directamente, deviam antes induzir a fazer uso do *l* simples.

Coutinho (1976) apresentou três períodos distintos, considerando a escrita como o principal registro, o autor, inicialmente, aborda o primeiro período, denominado fonético, fase na qual a escrita não era uniforme, pois “A língua era escrita para o ouvido”, nas palavras de Coutinho (p. 72). Segundo o autor, esta fase acontece paralelamente à fase arcaica do idioma. A intenção era a de tornar a leitura clara, não havia regras para a grafia, daí, é possível achar em um mesmo documento, o mesmo vocábulo escrito de formas distintas.

O uso de vogais duplicadas para indicar a tônica da palavra mostrava tal tendência, por exemplo, para indicar nasalção (*til, dois acentos agudos, m ou n*), do *b* no lugar de *v* etc. A geminação de consoantes, no período fonético, estava presente em muitas palavras, tanto no início quanto no interior delas. “Por muito estranha e desnecessária que nos pareça a geminação em taes vocábulos, ella tem em parte explicação razoavel, desde que se leve em conta o antigo systema de escrever” (SAID ALI, 1921, p. 31).

Geralmente, dobravam-se as consoantes apenas para diferenciá-

las das consoantes simples. A letra “l”, por sua vez, apresentava-se geminada na posição final e quanto posicionada no interior de alguns vocábulos, Coutinho, ainda argumenta que “é comum estar geminado no meio e no fim da palavra: *ella* ou *ela*, *castello* ou *castelo*, *mall*, *tall*.” O “l” dobrado em posição final era, provavelmente, usado para distinguir o “l” velar do alveolar; em posição medial, ocorria por influência do latim. (COUTINHO, 1976, p. 74).

Sendo assim, o autor chega à conclusão que as duas causas da geminação são no primeiro caso a influência do latim, e no segundo pela influência do espanhol, no caso, do som palatal molhado. Coutinho, no entanto não aponta se as palavras passíveis de geminação por influência do latim tinham pronúncia diferente da atual.

No segundo período descrito pelo autor, denominado pseudoetimológico, buscava-se escrever respeitando as letras provenientes da palavra, essa prática de uso da grafia começou aproximadamente lá pelo século XVI, época em que surgiram os primeiros tratados ortográficos da língua portuguesa. Com o romantismo a procura da origem etimológica da palavra aconteceu por meio de outras línguas, como o francês, ou seja, a busca pela etimologia não se limitou à língua latina. Uma vez que os escribas desconheciam a etimologia dos vocábulos, precisariam conhecer outras línguas.

Por conseguinte, houve incerteza sobre as origens das palavras, houve inconsistências no nível da pronúncia, pois alguns vocábulos passaram a ser escritos com letras que não eram pronunciadas, confundindo os leitores, e levando aos equívocos gráficos quando na escrita de palavras de procedência desconhecida, a fase da escrita pseudoetimológica revelou-se imprecisa, o que mostrou a necessidade de que a língua passasse por uma simplificação.

O “l” geminado que ocorria no período fonético por sua origem latina, resistiu ao período pseudoetimológico no qual se justificou pela busca da origem dos vocábulos. No entanto,

Persistiu *l* intervocalico naquelles vocabulos em que a lingua latina pronunciava a consoante geminadamente: *cabello* (capillu-), *cavallo* (caballu-), *pelle* (pelle-), *bello* (bellu-), *cutello* e *cutello* (cultellu-), *castello* (castellu-), *valle* (valle-), *gallo* (gallu-), *villa* (Villa-), *villao*, *molle*, (molle-) etc. Vê-se que era nitida a articulação demorada do *ll*. Se, pelo contrario, a palavra tinha em igual posição sómente um *l* simples, a pronuncia da vogal affectava a consoante contigua, dando em resultado articulação enfraquecida e final desapparecimento da consoante *l*. (SAID ALI, 1929, p. 18)

Com relação a vocábulos grafados com as consoantes geminadas *rr* e *ss*, sua permanência se justifica porque (SAID ALI, 1921, p. 31)

O port. mod. Conservou até o presente o mesmo critério no emprego de *rr* e *ss* intervocalico. Ao port. Ant. pareceu conveniente geminar, além disso, as consoantes ainda em casos onde *r* é sempre rolado e *s* é sempre surdo, a saber, no princípio dos vocábulos e em posição interna apoz consoante ou vogal nasal. Assim deparam-se-nos frequentemente *ssegundo*, *consselho*, *pulsso*, *rrey-no*, *rrico*, *rreligião*, *onrra*, *hõrra*, *ssaber*, *sse*, *penssar*, *enssinar*.

Além disso, Said Ali (1921, p. 31) afirma que

O emprego das consoantes geminadas *rr* e *ss* no interior das palavras, entre vogaes, funda-se na necessidade de representar pela escripta sons que, sem essa precaução, se confundiriam com outros. Não dispunha o alfabeto comum senão de um symbolo único tanto para o *r* lene, como para o *r* rolado. A duplicação da letra no segundo caso foi o engenhoso expediente que ocorreu para differencar *carro* de *caro*, *ferro* de *fero*.

Com o início do período simplificado, que começou com a publicação da *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana (1904) cujo objetivo era o de buscar um equilíbrio entre o sistema fonético e a etimologia, além de “dar à língua a uniformidade gráfica de que ela jamais gozara” (COUTINHO, 1976, p. 78). O *l* geminado foi, então, banido no período simplificado, por não exercer influência na pronúncia dos vocábulos.

Apesar de apresentar pontos discutíveis e algumas falhas a empreitada contribuiu muito para que a grafia da língua fosse simplificada.

5. A análise

A partir da investigação no *Almanack Corumbaense* escrito em Corumbá em 1898 por Ricardo D’Elia, foram observadas ocorrências de várias lexias nas quais a consoante *-l* está geminada, palavras cuja escrita atual, como revelam as gramáticas atuais, apresentam o *l* singelo. De acordo com Coutinho (1976) observa-se que o documento analisado pertence ao período pseudoetimológico.

Buscou-se a explicação para a grafia destas palavras na *Gramática Histórica* de Ismael de Lima Coutinho (1976), *Grammatica historica da lingua portugueza* de Manuel Said Ali (1921) e também nas obras *Grammatica expositiva* de Eduardo Carlos Pereira (1907) e *Grammatica portugueza* de Júlio Ribeiro (1899).

Foram separadas algumas ocorrências dos vocábulos grafados com *l* dobrado no manuscrito e a ocorrência de grafias diferentes destes

mesmos vocábulos foram procuradas. Os vocábulos foram analisados de acordo com as propostas teóricas da historiografia linguística de Koerner (1996), sendo elas: contextualização, imanência e adequação.

Os textos analisados encontram-se na seção II do *Almanack* e fazem referência aos “Vultos Mattogrossenses”.

Citação 1, que se refere ao Doutor Joaquim Duarte Murinho, “*Illustre médico*,” (seção II, linha 17) e “*Illustre Dr. Manoel Victorino Pereira*” (seção II, linha 27) no qual a grafia da consoante *l* está dobrada. Logo a seguir temos as palavras “*aquella*” (seção III, linha 36), “*bellissima*” (seção III, linha 36) e “*illuminou-lhe*” (seção III, linha 52).

Citação 2, que faz alusão ao Senador Generoso Ponce, “*aquelle governo*” (seção IV, linha 16).

Citação 3, sobre o Dr. Manoel José Murinho, “*illibada*” (seção IV, linha 7), “*ilustrado*” (seção V, linha 14), “*nelle*” (seção VI, linha 54) e “*illustração*” (seção VI, linha 58)

Citação 3, Dr. Antonio Corrêa da Costa, “*intelligencia*” (seção VII, linha 43).

O gramático Ribeiro (1899, p.28) não especifica quais são as palavras grafadas com consoantes dobradas, apenas menciona a ocorrência delas, fazendo a distinção entre “*letra simples*” e “*letra composta*”. “*A letra é simples, quando consiste em um só symbolo, ex.: “a, t”: é composta quando formada por um symbolo e por uma notação, ou por mais de um symbolo*”.

Pereira (1935, p. 83) fala sobre a abolição do uso das consoantes dobradas

(...) Os grupos *homogeneos* ou *geminados* – *bb, cc, dd, ff, gg, ll, mm, nn, pp, rr, ss, tt*, simplificam-se em regra, deixando cahir o primeiro elemento, tornando-o *insonoro*. A conservação na escripta desse elemento insonoro obedece apenas aos preceitos da *orthographia etymologica*, p. ex.: *sabbado, peccado, addição, affirmar, aggregar, collega, commodo, annexo, approvar, carro, fosse, attento*.

No que se refere aos grupos *rr* e *ss*, o autor diz que não podem ser simplificados na escrita sem ocasionar alteração na fonética dos vocábulos, dando os seguintes exemplo: *carro* e *caro*, *cassa* e *casa*.

Coutinho (1976, p. 120) afirma que

As consoantes geminadas latinas, no interior das palavras, reduzem-se a

consoantes simples, em português. Esta simplificação, porém, já se havia operado no próprio latim vulgar. São frequentes, em inscrições, exemplos como *mile, anus, eficaz, sufragium, cotidie, ocidere* etc. Só não se simplificam –rr- e –ss-, porque têm valor diferente.

A análise de todas as palavras observadas na seção incide na mesma ideia de que no período pseudoetimológico, havia a tentativa de conservar a origem etimológica da palavra, com o advento do período simplificado, tais concepções foram abandonadas.

6. Considerações finais

Entende-se que a linguagem é uma característica inata do homem, já a língua representa a materialização social e histórica dessa característica. A história traduz a relação do homem em seu tempo e em seu espaço quando procura associar todos os fatos humanos ocorridos no passado com os do presente e, com possibilidade de disseminá-los no futuro. A historiografia linguística busca, na interdisciplinaridade, analisar os fatos históricos da língua da forma mais completa possível; onde é necessário relacioná-los com as ciências sociais, em especial, a fim de apropriação da historiografia linguística para com todos os elementos das ciências a ela pertinentes, como ferramentas para a referida análise. Tendo como base os princípios da historiografia linguística, pode-se afirmar que os dados linguísticos aqui contidos confirmam que na época do *Almanack Corumbaense* a língua portuguesa era bastante diferente da que temos hoje. Tendo isso em mente e a dificuldade em se fazer o estudo historiográfico, Koerner (1996, p. 47) declara que

Sem dúvida, a construção das verdadeiras bases da historiografia da linguística impõe grandes exigências à atividade acadêmica individual, amplitude de escopo e profundidade de assimilação, exigindo um conhecimento quase que enciclopédico da parte do investigador, dada a natureza interdisciplinar desta atividade.

Tudo isto contribui para que a historiografia linguística possa elucidar o objeto da pesquisa em seu contexto histórico e confrontá-lo com as novas tendências, para então perceber se houve uma relação de continuidade e descontinuidade no concerne aos fatos da língua.

A análise do *Almanack Corumbaense* apresenta uma evidente trajetória da evolução da sociedade durante o século XIX. Nele há a transposição de um discurso típico da época que mostrava as preocupações básicas da sociedade em que foi elaborado. Por isso, o modelo da relação intelectual diverge bastante da realidade atual, mas o resultado obtido pa-

rece ser a presença de uma contínua evolução linguística que procura atender à necessidades da comunidade linguística e história através do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. Trad.: Cristina Altman. *Revista da ANPOLL*, n. 2, p. 70, 1996.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1935.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 5. ed. rev. por João Vieira de Almeida. São Paulo: Miguel Melillo, 1899.

SAID ALI, M. *Grammatica historica da lingua portugueza*. 2. ed. melh. e aum. São Paulo: Melhoramentos, [1921].

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad.: Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.